

ORTEL
tado 2571
C-Portugal
4 43 01

DIARIO DE LISBOA

Lisboa

AVANTE

Lisboa

DIARIO DO MINHO

Braga

24. ABR. 1976

DIARIO (O)

387 BRACARA AUGUSTA RESSURGE

A CODEP — Comissão de Defesa e Estudo do Património edifica-nos a divulgação do seguinte texto:

Como resultado da avaliação feita aos trabalhos realizados no Campo Arqueológico da Cidade Romana de Braga o Doutor Jorge Alarcão elaborou o seguinte documento, que a CODEP também subscreve:

De 12 a 17 de Abril, um grupo de estudantes da Faculdade de Letras de Coimbra e do Serviço Cívico Estudantil de Braga, sob a direcção do Doutor Jorge de Alarcão, realizou escavações na colina de Maximinos, em Braga. A área onde nos últimos anos se têm erguido prédios de acordo com um plano urbanístico infeliz, conserva importantes ruínas da Bracara Augusta. Alguns materiais têm sido recolhidos pelos cônegos Arlindo Ribeiro da Cunha (recentemente falecido) e Luciano dos Santos, pelo Senhor Rigaud de Sousa, conservador ajudante do Museu D. Diogo de Sousa e por jovens cujo entusiasmo e interesse nada têm podido contra a destruição sistemática. Não interessa agora atribuir culpas à entidade responsável pelo plano urbanístico, aos empreiteiros e proprietários, às instâncias oficiais incapazes de promover um plano de escavações.

Interessa tomar consciência de que na área ainda não edificada há ruínas que merecem estudo e preservação. As escavações recentemente realizadas, se por um lado visaram explorar terreno e desenterrar obras paradas com grave prejuizo dos empreiteiros, tiveram igualmente por objectivo sondar a área e verificar a importância do que ainda existe.

Notícias aparecidas nos jornais deram as ruínas de Maximinos por mais importantes que as de Coimbra; outras, pelo contrário, subestimaram a importância das ruínas, considerando como mais notável exactamente o que até agora se destruiu. Nenhuma destas versões corresponde à verdade. As escavações realizadas puseram a descoberto paredes de casas e esgotos obedientes a um urbanismo regular que os materiais recolhidos induzem a atribuir à segunda metade do século I d.C., sem excluir reconstruções ou até novas edificações no século IV.

A altura de algumas paredes e a conservação dos canos dão interesse turístico às ruínas. Quanto ao interesse científico, basta recordar que as ruínas pertencem a uma das mais importantes cidades do Portugal Romano.

O apoio que várias entidades estão dispostas a prestar (Ministério da Administração Interna, Junta Nacional da Educação, Universidade do Minho e Ministério das Obras Públicas, etc.) inerte às escavações. As que se realizaram, subsidiadas pelo Governo Civil de Braga, preparadas pela CODEP, ajudadas pelo empreiteiro senhor Manuel Rodrigues, constituíram provas de que a destruição não é inevitável, de que a falta de verbas não é argumento. Torna-se imperioso continuar as escavações e rever a urbanização, que deve sujeitar-se ao que for importante conservar.